Retrato mudo: A violência em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector

Silent photograph: Violence in *A hora da estrela*, by Clarice Lispector

Alexsandra Loiola Sarmento[1]

Resumo: Este artigo objetiva mostrar como a violência física, social e cultural incide sobre Macabéa d' *A hora da estrela* de Clarice Lispector, tendo como consequência a ausência da voz da personagem. Trata-se de uma análise literária fundamentada na teoria e na crítica da literatura, bem como nos estudos sobre a relação entre violência, cultura e linguagem de: Marilena Chauí, Jaime Ginzburg, Slavoj Žižek, Pierre Bordieu, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin. Verifica-se que a violência interna e externa acompanha a trajetória da personagem clariciana: a violência externa se configura nas marcas da precariedade da estrutura socioeconômica do país; enquanto a violência interna se faz representada na dificuldade das relações sociais, interpessoais, afetivas e comunicativas. O que resulta numa voz emudecida do falante alienado em uma sociedade tecnicamente moderna e consumista.

Palavras-chave: Clarice Lispector. *A hora da estrela*. Violência. Sociedade. Linguagem.

Abstract: This paper aims to show how physical, social, and cultural violence affects Macabéa in Clarice Lispector's *A hora da estrela*, resulting in the character's silence. This is a literary analysis grounded in literary theory and criticism, as well as in studies on the relationship between violence, culture, and language by: Marilena Chauí, Jaime Ginzburg, Slavoj Žižek, Pierre Bourdieu, Émile Benveniste, and Mikhail Bakhtin. It is evident that internal and external violence accompany the trajectory of Lispector's character: external violence is manifested in the precarious nature of the country's socioeconomic structure, while internal violence is represented by the difficulties in social, interpersonal, emotional, and communicative relationships. This results in the silenced voice of the alienated speaker in a technically modern and consumerist society.

Keywords: Clarice Lispector. *A hora da estrela*. Violence. Society. Language.

1. Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/Minas. ORCID

Submissão: 24 jul. 2026 **Aceite**: 28 set. 2026

10.47250/forident.v43n1.p187-199

Introdução

Publicada em 1977, *A hora da estrela* de Clarice Lispector continua a despertar interesse do leitor. Embora a autora seja reconhecida por se afastar dos engajamentos políticos e morais de sua época, ela, por meio da sua escrita, traz questões muito atuais sobre o Brasil. A existência de uma violência sistêmica que se faz visível no estado de indigência do brasileiro na cidade grande em meio à modernização forçada e acelerada, perdido num mundo de consumo, à mercê de quem detém o capital material e simbólico é um dos aspectos retratados na obra. Essa realidade encontrada na narrativa pode ser considerada como um estado de violência.

A partir disso, essa pesquisa procura analisar *A hora d' estrela* de Clarice Lispector e tem por objetivo mostrar como a violência física, social, cultural e subjetiva incide sobre Macabéa, personagem da obra escolhida, tendo como consequência a ausência da voz e sua desumanização. Trata-se de uma análise fundamentada na teoria e na crítica da literatura, bem como nos estudos sobre a relação entre violência, cultura e linguagem de: Marilena Chauí, Jaime Ginzburg, Slavoj Žižek, Pierre Bordieu, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin.

O trabalho, primeiramente, mostra as formas da manifestação da violência e, na sequência, percorre o contexto socioeconômico retratado na narrativa no intuito de compreender a realidade literária representada, considerando o vínculo existente entre esta obra de Clarice e o romance de 30. Este traz na esteira a crise nordestina, o êxodo rural e a construção de uma modernização desestrutural do país. O estudo prossegue com a análise crítica da violência ao longo da narrativa e destaca como a falta de condições materiais afetam, além do físico da personagem, o íntimo e a subjetividade. Nesse aspecto, a voz da personagem, mais do que a representação de fatores de inclusão ou exclusão, revela também aspectos relacionados à consciência de si e do mundo, à humanidade ou desumanidade.

A manifestação da violência

A privação de liberdade, a sujeição ao domínio autoritário do outro, a vida sob a opressão de quem detém o poder, a diminuição do ser por discriminação, a sensação de medo provocado por ameaças de outrem, a exploração abusiva, ter as potencialidades humanas atrofiadas pela agressão do outro são variadas as formas que a violência assume. Marilena Chauí explica a etimologia e a definição da violência:

> A palavra violência vem do latim *vis*, força, e significa: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coa gir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de al-

10.47250/foridentv43n1p187-199

> guém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror (Chauí, 2011, p. 379).

Ainda para a filósofa, a violência se define propriamente "como toda prática e toda ideia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural" (Chauí, 2011, p. 378). Nessa perspectiva, os atos de violação podem acontecer de forma indireta e não se mostram somente sob a imagem das vísceras, nem mesmo entre socos, bofetadas ou outros tipos de agressão física. Entre os vários modos que a violência pode se manifestar, é necessário problematizar aqueles que a sociedade, muitas vezes, não enxerga como violência, uma vez que podem existir "sob formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e exploração" (Žižek, 2014, p. 24). É necessário, conforme Žižek (2014), despertar o olhar para a existência de três formas de violência: subjetiva, sistêmica e simbólica.

A violência subjetiva pode ser reconhecida por discriminações em seus diversos aspectos (de raça, de gênero, de classe etc), pelas pressões psicológicas, ameaças, pela inculcação do medo e da intimidação. É a "violência exercida por agentes sociais, indivíduos maléficos, aparelhos repressivos disciplinados das multidões fanáticas" (Žižek, 2014, p. 25). Psicologicamente deletéria, gera o trauma, o apagamento da memória, a relação disruptiva com a vida pessoal ou histórica e fragiliza a expressividade do ser. Inscrita na ideologia da segregação, da exclusão, da diminuição ou anulação do outro, do apagamento do diferente, da incitação ao ódio, da intolerância religiosa, a violência subjetiva é também brutal e indica um retrocesso civilizatório.

Entretanto, de acordo com Žižek (2014), apesar da atenção crítica que a violência subjetiva requer, não se deve ficar alheio a uma outra forma de violência, a violência sistêmica inerente ao sistema capitalista que tem o lucro financeiro como alvo direto a ser atingido e ignora "qualquer preocupação humana ou ambiental", sendo por isso considerada também como uma violência objetiva. A violência sistêmica envolve a estrutura da sociedade e dita o comportamento voltado para o capital, indiferente ao esgotamento dos bens sustentáveis do planeta. Nesse contexto,

> os destinos de camadas inteiras da população e por vezes até mesmo de países inteiros podem ser decididos pela dança especulativa 'solipsista' do capital, que persegue seu objetivo de rentabilidade numa beatífica indiferença ao modo como tais movimentos afetarão a realidade social (Žižek , 2014, p. 25).

10.47250/forident.v43n1.p187-199

Encontra-se, destarte, uma sociedade centrada no individualismo, na competitividade, na preocupação em alcançar lucro e adquirir cada vez mais os bens materiais e de consumo. O que provoca a dispersão, a segregação sociocultural e impede o pensar sobre o bem coletivo e o engajamento comunitário. Ao voltar-se para a violência sistêmica no Brasil, Marilene Chauí considera a origem da violência na própria estrutura da sociedade, marcada por "profundas desigualdades econômicas, sociais e culturais," por "exclusões econômicas, políticas e sociais", pela "corrupção como forma de funcionalismo das instituições", por "racismo, sexismo" e "intolerância religiosa, sexual e política" (Chauí, 2011, p. 378). Ao compreender a violência sistêmica, portanto, evidenciam-se as disparidades estruturais criadas por um sistema de exclusão, marginalização e discriminação dos indivíduos, fazendo avultar os despossuídos que chegam à indignidade humana.

Nesse tocante, a violência mostra sua face mais cruel, atinge o ser em seu interior e desqualifica-o em seus atributos humanos; pois a carência material dificulta o acesso aos bens culturais, atrapalhando o desenvolvimento pleno da cognição, do pensamento, do uso da linguagem de forma ativa na sociedade. Considerando que a linguagem é que dá identidade ao ser, possibilita a expressão da subjetividade e a transmissão da noção de pessoa por meio de um "eu", – como afirma Benveniste (1991, p. 286), "é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito" – privar o ser do uso pleno da linguagem é, portanto, reduzi-lo à condição de coisa. Configura-se desse modo a violência simbólica que, segundo Žižek (2014), transparece nos embates travados na linguagem e revela as assimetrias do poder das vozes em processo de comunicação. Apoiado nos estudos de Lacan e Levinas, Žižek (2014, p. 60) assevera a inserção da violência no ato comunicativo: "a comunicação humana em sua dimensão mais fundamental e constitutiva não traz consigo um espaço de intersubjetividade igualitária [...] cada espaço de discurso concreto 'realmente existente' se funda em última instância numa imposição violenta de um Significante-Mestre". No processo de interlocução, há, então, uma disputa de vozes, com uma superposição hierárquica de uma voz sobre a outra que, ao final, é derrotada. Logo, "a aparência *égalité* é sempre discursivamente sustentada por um eixo assimétrico de senhor ou mestre *versus* escravo, de saber portador de universalidade *versus* o seu objeto, de perverso *versus* histérico etc" (Žižek, 2014, p. 60).

Assim, a autoridade de quem fala é dada pelo poder material ou pelo *status* cultural de quem domina e dita as regras. Como explica Pierre Bordieu (2003), quem detém o capital detém também o poder simbólico e se sobrepõe aos desfavorecidos que se veem em desvantagem tanto no campo material, quanto no campo cultural. O domínio do outro pode ser evidente na interação comunicativa, quando o ser subjugado se depara com a barreira de uma censura subliminar no posicionamento da voz, de tal maneira, conforme Spivak (2010), medir o silêncio do subalterno permite avaliar quem pode falar na sociedade.

10.47250/forident.v43n1.p187-199

Além disso, aqueles que vivem na penúria e sofrem todos os tipos de privação sentem-se, não só afetados em sua intersubjetividade, mas também em sua subjetividade e consciência de si e do mundo. De vez que a consciência emerge do contato com o outro numa relação dialógica, já que "a verdade não nasce nem se enquadra na cabeça de um único homem, ela nasce entre os homens [...] (Bakhtin, 2010, p. 125). Sem linguagem e sem consciência, o sujeito fica à mercê do comando de uma hierarquia pretensamente superior, sem autonomia, liberdade e poder de escolha. Destituído de tais atributos, o que se mostra é um sujeito violentado em seus aspectos corporais, pessoais, culturais, simbólicos e humanos, como pode ser evidenciado na análise da personagem da obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector, logo a seguir.

A hora d'estrela e a violência das condições degradantes do país

Acompanhar a origem da personagem Macabéa é conhecer a vida da gente maltratada; é conhecer, o desamparo, a indiferença política; a vida em completo abandono. Ela teve uma infância sem o afeto familiar, criada por uma tia que lhe tratava com autoritarismo e violência, veio de Alagoas para o Rio de Janeiro, tendo recebido apenas instruções primárias. Chega sozinha, sem família, sem o amparo de amigos, nem mesmo de conhecidos, numa cidade grande que caminha para a modernização. Com conhecimentos precários, consegue um trabalho de datilógrafa, mais por piedade do patrão, que por qualificação. Mora com quatro moças que trabalham como balconista nas Lojas Americanas, com quem divide o quarto. Alienada, sem consciência do seu ser num mundo marcado pelo capitalismo e pelo consumo, ela apresenta dificuldade em comunicar-se e interagir. O único namorado da sua vida a descarta, com gestos de prepotência e humilhação. A datilógrafa é despedida do trabalho com brutalidade, uma vez que não tinha formação profissional que a habilitasse para exercer o cargo. As humilhações sofridas, a falta de acesso aos bens materiais e culturais, o cerceamento em sua liberdade de escolha resultam na falta de confiança em si mesma; como consequência, há a dificuldade em assumir uma postura, em se posicionar ativamente, uma vez que comunicar-se é também marcar a integração social e o seu posicionamento no mundo.

Atrelada à estrutura social precária e aos efeitos dos desarranjos econômicos sobre o indivíduo, a violência está configurada esteticamente em *A hora da estrela*. Ao buscar os motivos da violência brasileira, Chauí (2011, p. 378) sublinha as questões sociais degradantes do país e afirma ser "a estrutura da sociedade brasileira", "o lugar efetivo de produção da violência". Trata-se de uma violência sistêmica não cometida por um indivíduo específico, é anônima, conforme Slavoj Žižek (2014, p. 26), "próprias às condições do capitalismo global, que implica as condições de indivíduos excluídos e dispensáveis".

10.47250/forident.v43n1.p187-199

Unindo vida e ficção, a trajetória de Macabéa está contextualizada na própria história do Brasil, a personagem é uma retirante nordestina que vem do sertão de Alagoas para o Rio de Janeiro, traz, portanto, as fraturas sociais do êxodo rural e o processo de urbanização desestrutural. O que faz Nádia Gotlib (2003) denominar *A hora da estrela* de um capítulo subsequente do romance de 30, segundo momento do Modernismo brasileiro, cujo realismo retratava as condições precárias do campo com seus moradores sem meios básicos de sobrevivência como alimentação, saúde e educação. Aparece nessa literatura o puro retrato da seca e da fome numa época em que, sob o poder do mando opressor dos latifundiários e das autoridades do poder local, os moradores do campo se veem fustigados da terra em busca de um lugar na cidade, como mostram os romances emblemáticos desse período: *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, *O Quinze*, de Raquel de Queiróz.

Tais romances foram escritos no momento de mudanças que abalavam o Brasil: a crise cafeeira, a Revolução de 30, o declínio do Nordeste, os desajustes da cultura local. Contendo forte engajamento político e social, o romance social desse período serve, conforme Alfredo Bosi (1994, p. 393), "para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram por isso alcançar uma densidade moral e uma verdade histórica muito mais profunda". Nessa perspectiva, em *A hora da estrela* pode se ver um prosseguimento da trajetória de muitos retirantes como Severino de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto, como também as famílias de *O Quinze*, ou mesmo Fabiano, Sinhá, Vitória e seus filhos que atravessam as estradas da fome em busca de sobrevivência na cidade. A continuidade da temática explorada no romance de 30 indicia a permanência das mazelas sociais do Brasil, conforme explica Adorno (1998, p. 16), "os antagonismos não resolvidos da realidade retomam às obras de arte como imanentes da sua forma".

Assim, numa espécie de descendentes de Fabiano de *Vidas secas*, Macabéa segue em direção ao Sul, em uma etapa de aceleração da urbanização brasileira encontrando uma "cidade toda feita contra ela".

> Lembre-se que, depois de 1964, a urbanização se acelera, a população urbana ultrapassa de longe a população rural e a indústria se impõe sobre a agricultura. Em consequência e na falta de uma reforma agrária, os trabalhadores do campo se vêem cada vez mais expulsos de suas terras, tornando-se marginais entre os miseráveis da grande cidade", cada vez mais miseráveis, pois a cidade não atende a uma série de necessidades que, entretanto, não cessa de criar e renovar, pela publicidade (Chiapinni, 1996, p. 63).

A data da publicação das obras mais significativas de Clarice Lispector está entre 1960 e 1970,

10.47250/forident.v43n1.p187-199

> expressando mais ou menos direta e mais ou menos criticamente os efeitos sobre os indivíduos dessa modernização plantada a ferro e a fogo pela ditadura militar e fundada sobre a exploração do corpo e do espírito da maior parte dos homens e mulheres do país (Chiapinni, 1996, p. 63).

Sob tal realidade, só a ironia é capaz de sustentar a narração da genealogia de Macabéa, sem cair sentimentalismo: ela "tem maus antecedentes", informa o narrador (Lispector, 1995, p. 35). Os pais da personagem trazem a história dos retirantes nordestinos e a narrativa joga com as palavras de maneira crítica e irônica, pois: "já nascera raquítica – como herança do sertão, os maus antecedentes de que falei" (Lispector, 1995, p. 35). Os pais morreram de febre ruins do sertão do Alagoas quando ela tinha apenas dois anos de idade e fora criada pela tia, mudando-se tempos depois para Maceió. E os maus tratos da gente maltratada podem ser notadas em vários sinais no seu corpo físico, como também na sua subjetividade e linguagem como serão analisados.

A violência exposta no corpo cariado

Na composição física de Macabéa estão registradas as lesões sociais provocadas no tecido humano que revelam a falta de assistência das necessidades básicas de sobrevivência como alimentação e saúde. A personagem apresenta-se com uma cara estreita e amarela "como se ela já tivesse morrido", "olhos enormes, saltados interrogativos – tinha olhar de quem tem uma asa ferida" –, manchas no rosto, a sua cor é de ferrugem, vive morrendo de fome, tem baixo peso, desnutrição, ossos fracos por falta de cálcio, dor de dente, suspeita de problema no fígado, resfriado, tosse constante, ovários murchos.

> Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava. [...] seu cheiro era morrinhento. Esqueci de dizer que às vezes a datilógrafa tinha enjôo para comer. Isso vinha desde pequena quando soubera que havia comido gato frito. Assustou-se para sempre. Perdeu o apetite, só tinha grande fome (Lispector, 1995, p. 32, 34, 35, 46).

A violência física e psicológica também se manifesta pelo trato cruel, brutal e grosseiro. A infância é marcada por castigos físicos e traumáticos: a tia lhe dava cascudos no alto da cabeça e a privava do seu doce predileto, a goiabada com queijo, além da crueldade de impedi-la de participar de brincadeiras com outras crianças. No serviço, o chefe a trata com brutalidade, uma vez que ela não pôde ter uma formação que a preparasse para o trabalho:

10.47250/forident.v43n1.p187-199

> o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória, sua colega (Lispector, 1995, p. 32).

Já o namorado, tendo a mesma origem de Macabéa, dela quer se diferenciar, tratando-a com desprezo e prepotência. Ele vê no corpo magro e raquítico da moça motivos de demonstrar vantagem em relação a ela; mesmo sendo magro e fraco, comporta-se como um Deus do Olimpo. A encenação desse ato aparece no momento em que Olímpico de Jesus a levanta acima da cabeça e, rodopiando-a, desequilibra-se; e ela caí bruscamente "de cara na lama, o nariz sangrando" (Lispector, 1995, p. 58). A violência está exposta não só no corpo, mas na alma, por isso quando questionada por que pedia tanta aspirina, ela responde:

> – Para eu não me doer.
> – Como é que é? Hein? Você se dói?
> – Eu me dôo o tempo todo.
> – Aonde?
> – Dentro. Não sei explicar (Lispector, 1995, p. 66).

Trata-se de uma ferida que tem múltiplos sentidos, ferida interna e externamente, ferida aberta para lembrar o conto "A bela e a fera ou a ferida grande demais". Em tal estado, para dar a imagem de Macabéa só a expressão mais corrosiva seria capaz de traduzi-la: ela tinha "o corpo cariado" (Lispector, 1995, p. 42). As descrições feitas são impactantes e se destacam pelo uso da linguagem naturalista que denuncia o rebaixamento humano à condição animalesca, imersa numa visão reificada da vida mundana, determinada pelo meio sub-humano e grosseiro.

Nessa perspectiva, a composição d'*A hora da estrela* assemelha-se à arte, conforme Adorno (1988), do trabalhador oprimido e desfigurado pelo ressentimento, cuja escrita revolucionária carrega todas as marcas da degradação. Assim, a linguagem a ser empregada não poderia ser enfeitada, a fim de mimetizar a própria vida da personagem: "Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais" (Lispector, 1995, p. 24). Compreende-se que o processo formal precisa corresponder ao conteúdo de que dispõe como matéria de elaboração.

> É claro que, como todo escritor, tenho a tentação de usar termos suculentos: conheço adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação, já que palavra é ação, concordai? Mas não vou enfeitar a palavra pois se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro – e a jovem poderia mordê-lo, morrendo de fome (Lispector, 1995, p. 24).

10.47250/forident.v43n1.p187-199

Nota-se nessas composições uma tendência em retratar o feio, o maltratado, como ilustra o retrato de Macabéa. A crítica identifica na escrita de Clarice pós 1964 uma reação frente à realidade brasileira, a escritora demonstra uma postura política-ideológica envolvida com as condições de vida da sociedade. Numa concordância com o pensamento de Adorno (1988) de que na arte deve haver uma correspondência entre forma e conteúdo, há nas últimas obras de Clarice um abandono pela elaboração ficcional do belo e do bom gosto e uma opção pelo abjeto, pelo desprezível, pela deformação, pelo feio (Freire; Teixeira, 2015).

De tal forma, para tematizar a realidade degenerada, repugnante – porque mostra como o tecido degradante da estrutura social penetra e interfere na constituição humana, a ponto de submetê-la a uma condição de vida animalesca – as palavras refinadas e de bom-tom mostram-se inúteis. Com essa feição, Macabéa retrata a estética da feiura, "parente dos insetos, ratos, párias, galinhas, indigentes que perpassam sua obra inteira" (Chiapinni,1996, p. 67.) Esse nivelamento implica a perda da substância do ser, sinal de uma violência que invadiu o exterior e o interior e de modo profundo destruiu a estrutura do humano.

Retrato mudo: A subjetividade, a linguagem e a desumanização

Tendo vivido a orfandade, criada sem afeto, isolada de outras crianças, sem acesso a uma educação significativa, cursou somente o terceiro ano primário e fez um curso ralo de datilografia, Macabéa vivia isolada da realidade. Crescera privada de afeto, bens materiais e culturais; nem mesmo as brincadeiras tradicionais de roda ela pôde participar. O seu refúgio é a arte do entretenimento vazio, a arte do consumo, das propagandas às quais ela se rendia facilmente: queria ser a Marilyn Monroe e concebia como verdade tudo o que a rádio relógio dizia. A rádio relógio era sua janela para o mundo. Ao longo do enredo, Macabéa é descrita como sem consciência de quem é, da sociedade em que está inserida e da sua condição no mundo: "Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável." (Lispector, 1995, p. 37).

Tudo isso leva o narrador a inscrever a personagem em um nível sub-humano, espécie de "atrofia do ser", para usar a expressão de Antonio Candido (1995), pois a precariedade da vida atingiu a subjetividade e, em consequência, a habilidade de linguagem e comunicação. A prosa poética e elucidativa de Clarice parece indicar que Macabéa, ao perder a habilidade de atuar pela linguagem, perdeu também a sua propriedade humana. Conforme Benveniste (1991, p. 285), a articulação da linguagem é propriedade intrínseca do humano, é ela que faz o homem, a linguagem dá ao homem a expressão da atividade da sua alma, "a linguagem ensina a própria definição do homem". Não é demais reiterar que a subjetividade manifesta-se pela

10.47250/forident.v43n1.p187-199

linguagem e abarca, além da capacidade do locutor de se posicionar como ele mesmo e de atuar como sujeito, a capacidade de manter ativa a consciência. A subjetividade "não é mais que a emergência do ser de uma propriedade da linguagem. É ego que *diz ego*. Encontramos aí o fundamento da subjetividade que se determina pelo *status* linguístico da 'pessoa'"(Benveniste, 1991, p. 286). É na interlocução que nasce o "eu" ao se dirigir ao outro como "tu", é preciso, portanto, a troca comunicativa, a diferença, o contraste entre eu e o outro para emergir a consciência.

Macabéa vivia sem consciência de quem era: "Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro" (Lispector, 1995, p. 35). Apesar de viver numa cidade grande, a interação social era bastante restrita, a conexão com o mundo se dava apenas por Glória, Seu Silveira, Olímpico e, de maneira superficial, com as quatro colegas de quarto. Além disso, ela apresentava dificuldade em manter o diálogo: "O seu diálogo era sempre oco. Dava-se conta longinquamente de que nunca dissera uma palavra verdadeira" (Lispector, 1995, p. 59). A nordestina não conseguia comunicar e utilizar a língua de forma viva e operante: "jamais disse frases, em primeiro lugar por ser de parca palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada" (Lispector, 1995, p. 59, 72).

De tal modo, se não havia o desenvolvimento da linguagem, não havia consciência já que estão intimamente ligadas, pois, conforme Bakhtin (2010), se se morre o diálogo nada resta ao ser. Nesse aspecto, transparece a presença da violência simbólica, pois a mudez pode estar associada à experiência do trauma: quando o sofrimento extremo fragiliza o indivíduo, inibe o gesto, faz calar a voz; em consequência, a insegurança não permite estruturar a própria subjetividade, impossibilitando a linguagem de ganhar formas de expressão. Walter Benjamim (1987) constata que a desmoralização da fome, a experiência terrível da guerra, da violência, a situação da extrema pobreza, enfim a carência material atravessa o íntimo do indivíduo e silencia a voz. A "pobreza de experiências é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu novamente um rosto, nítido e preciso como o do mendigo medieval" (Benjamim, 1987, p. 115).

Diante do autoritarismo, da injustiça e os desajustes humanos, Macabéa fica em estado de inércia, ela não contesta, não tem atitude de revolta, ou indignação; age como se o erro estivesse com ela, ela chega a pedir desculpa. "Nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade" que ela seria dispensada do trabalho, e "falou cerimoniosamente a seu escondidamente amado chefe: – Me desculpe o aborrecimento" (Lispector, 1995, p. 32,33).

Ela é dispensada porque "errava demais e sujava invariavelmente o papel", não aprovava na "linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra 'designar' de modo como em língua falada diria:

10.47250/forident.v43n1.p187-199

'desiguinar' (Lispector, 1995, p. 24, 32-33). Em sentido metafórico, a datilógrafa, ao copiar letra por letra, não sabia utilizar a palavra como meio de ação, participação, intervenção; logo não sabia designar, já que a voz era destituída de qualquer poder ou forma de autoridade. Explica Pierre Bordieu (2003, p. 11) que as relações de comunicação estão inseparáveis das relações de poder, "que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessa relação". A Macabéa não foi dado o direito de participar do campo simbólico, nem mesmo material, portanto, não poderia designar a si mesma, a sua função social. O fato de não saber como posicionar a voz fazia dela um ser inexistente na sociedade. De modo reflexivo, a obra põe em "jogo a linguagem — seu poder de conhecimento, de comunicação e de convencimento — e, com ela, debatem-se a existência humana e os laços sociais" (Fukelman, 1995, p. 05). Essa leitura instiga a pensar quem pode falar na sociedade, que tem o poder da voz, "pode o subalterno falar?" (Spivak, 2010).

A inscrição da violência em *A hora da estrela* ultrapassa as marcas físicas corporais, assumindo a forma de violência simbólica, ou seja, a reprodução da dominação social na forma de discurso que pode demonstrar as relações assimétricas e as diferenças hierárquicas de poder na atividade comunicativa, que dificulta o posicionamento democrático e igualitário das vozes em interlocução (Žižek, 2014). Com efeito, o falante que não possui a autoridade da voz pode ficar à mercê da dominação dos que detém o poder simbólico, forma "transfigurada" das outras formas de poder" (Bordieu, 2003, p. 15). Não poder posicionar a voz na sociedade é uma das formas de violência, é destituir o outro do direito que compete a todo ser humano, é nas palavras de Marilena Chauí (2011), desnaturar, ir contra a natureza do ser.

Nota-se que a própria estrutura econômica desigual gera também uma cultura desigual, em que alguns possuem o cetro, para lembrar Bordieu (2003), e os outros são destituídos de tal poder. O poder ilocucionário, "poder de ordem, poder de manter a ordem, ou a subverter" não está estritamente nas palavras, mas na autoridade de quem as pronuncia, está entre os que detém o poder sobre aqueles que lhe estão sujeitos (Bordieu, 2003). Ao mostrar a constituição de Macabéa como sem consciência, sem ação, destituída do poder da linguagem como interação e intervenção na sociedade, dominada pelo consumo e por quem detém o capital, faz-se uma denúncia da violência sofrida pela personagem e torna visível como a violência se opõe à ética. Segundo Marilena Chauí (2011), a ética supõe o ser livre, dotado de linguagem, racional, consciente, tendo a capacidade de escolher e responder por seus atos. Caracterizar o ser humano inerte, passivo, mudo, inconsciente é sinal de que a violência feriu a ética, pois o que se apresenta é o ato brutal do ser humano transfigurado em "coisa".

10.47250/forident.v43n1.p187-199

Considerações finais

Ao longo da análise pôde ser demonstrado como a violência se inscreve na composição da personagem d'*A hora da estrela* de Clarice Lispector, uma vez que a violência destrói a natureza inerente ao ser, constrange, brutaliza, retira a liberdade e a capacidade de se posicionar ativamente como sujeito; com o uso da força impede de exercer o direito; inviabiliza injustamente o acesso aos bens materiais de pertencer ao campo simbólico.

A personagem clariciana encontra-se numa estrutura de profunda desigualdade econômica, social e cultural que tende a perpetuar. No corpo de Macabéa estão expostos os estigmas resultantes das profundas desigualdades sociais e econômicas que atravessam o país e da indiferença do poder público. A violência se manifesta também nas relações sociais e interpessoais representada pelos maus-tratos sofridos, no descarte do mundo do trabalho, nas relações amorosas e nas expressões da subjetividade.

Para além disso, a violência nessa narrativa assume uma configuração das mais expressivas, ao dificultar a articulação da linguagem, o posicionamento da voz, a designação de si mesma e da sua função social. O que resulta numa voz emudecida do falante alienado em uma sociedade tecnicamente moderna e consumista. Destituída do poder material e do campo simbólico, Macabéa não compreende o mundo à sua volta, e a ausência da consciência de si, do seu "eu" faz dela um ser destituído das capacidades humanas.

Referências

ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Martins Fontes, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5 ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas volume I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. *In*: **Problemas de linguística geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3 ed. São Paulo: UNICAMP, 1991, p. 284- 293.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 6 ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOSI, Alfredo. Tendências contemporâneas. *In*: **História concisa da literatura brasileira**. 41 ed. São Paulo: Cultrix,1994, p. 383-488.

10.47250/forident.v43n1.p187-199

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 235-263.

CHAUÍ, Marilena. Ética e violência no Brasil. **Revista Bioethikos** – Centro Universitário São Camilo – p. 378-383, 2011. Disponível em: https://saocamilo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/89/A3.pdf. Acesso em: 15 de dez. 2015.

CHIAPPINI, Ligia. Pelas ruas da cidade uma mulher precisa andar – Leitura de Clarice Lispector. **Literatura e Sociedade** (USP), São Paulo, v. 1, n. 1, p. 60-80,1996. Disponível em: https://www.revistasusp.br/ls/article/view/682. Acesso em: 26 jun. 2025.

FREIRE, Manuel; TEIXEIRA, Mona Lisa Bezerra. A hora da estrela uma encenação cômica da tragédia brasileira. **Raído**, v. 9, n. 20, p. 133-145, 2015. Disponível em: http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4263. Acesso em: 17 de dez. 2025.

FUKELMAN, Clarisse. Escrever estrelas ora direis. *In*: **A hora da estrela**. 13 ed. Rio de janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 03-18.

GOTLIB, Nádia. A literatura feita no Brasil. *In*: **Refazendo nós: Ensaios sobre mulher e literatura**. Org. Izabel Brandão e Zahidé L. Muzart. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 19-72.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 13 ed. Rio de janeiro: Francisco Alves,1995.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**: Seis reflexões laterais. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

10.47250/forident.v43n1.p187-199